

## A PLURALIDADE DOS MUNDOS E DAS CONDUTAS SOCIAIS: A CONTRIBUIÇÃO DE BOURDIEU PARA A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO\*

Carlos Benedito Martins\*\*

Em seu escrito sobre a **Teoria das Ciências Sociais**, Marx Weber chama a atenção para o fato da dimensão finita e limitada do espírito humano diante da realidade histórico-social, que lhe aparecia como infinitamente complexa e inesgotável. Mostrava-se francamente cético com a possibilidade da construção de um modelo explicativo capaz de captar de forma exaustiva a realidade, mesmo que um pesquisador tomasse como objeto de estudo um ínfimo fragmento desta realidade. Os sistemas mentais que elaboramos, expressos em teorias, hipóteses ou conceitos, jamais esgotam a imensa riqueza do real. Essas construções intelectuais não passavam, em sua visão, de tentativas para ordenar a realidade caótica e multifacetária da vida que nos rodeia.

Salientava, também, naquele escrito, que a realidade só poderia ser ordenada pela circunstância de que apenas uma porção dela possui importância para um investigador, posto que só esse fragmento se encontra em relação com as idéias de valores culturais com as quais aborda a realidade. Em sua visão, um investigador, estudando o mesmo fenômeno que ocupara anteriormente a atenção e as energias de um outro pesquisador, poderia descobrir novas facetas do fenômeno estudado, uma vez que ordenou o real a partir de distintas significações culturais. Salientava, também, que as relações intelectuais, sob as quais são abor-

dados e compreendidos cientificamente os fenômenos, mudavam constantemente. Neste sentido, para Weber, as ciências da cultura, entre as quais incluía as Ciências Sociais, estavam condenadas a uma condição de eterna juventude, uma vez que em sua dinâmica, gravitavam em torno do caráter transitório de suas construções teóricas.<sup>1</sup>

Este ponto de vista weberiano serve como um antídoto à tentação e à ilusão de buscar, no atual estágio de conhecimento alcançado pelas Ciências Sociais, uma teoria **verdadeira**, que dê conta por si só de explicar de forma exaustiva e definitiva, a totalidade da vida social ou de algumas de suas dimensões particulares. Por mais abrangentes ou delimitado o escopo explicativo de uma teoria, as manifestações concretas da vida social tendem a mostrar-se mais complexas e refratárias à sua representação intelectual. Dando continuidade a esta postura teórica, Mannheim (1968, cap. 2 e 3), salientava que toda construção teórica deveria ser considerada como uma perspectiva parcial para o conhecimento da vida social.

Este artigo tem como objetivo destacar alguns aspectos do esquema analítico que vem sendo elaborado por Pierre Bourdieu que, direta ou indiretamente, fornece elementos teóricos e conceituais para a análise dos diversos campos constitutivos da vida social, entre os quais inclui-se o educacional. As apreciações sobre os trabalhos que este autor vem desenvolvendo, seja individualmente, ou com os seus colaboradores, tendem a indicar que os resultados já alcançados ocupam uma posição relevante no contexto da sociologia contemporânea. Tal empreendimento é entendido no presente artigo como uma das contribuições possíveis

Versão modificada e ampliada do artigo Estrutura e ator: a teoria da prática em Bourdieu. publicado na **Revista Educação e Sociedade** n 27 setembro de 1987.

\*\* Professor-Adjunto do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília.

A respeito desta questão afirmava Marx Weber que: Aspiramos ao conhecimento de um fenômeno histórico, isto é, significativo na sua singularidade. E o que aqui existe de decisivo é o fato de só adquirir sentido lógico a idéia de um conhecimento dos fenômenos individuais mediante a premissa de que apenas uma parte finita da infinita diversidade de fenômenos possuirá uma significação" (1974. p.56).

no campo das Ciências Sociais contemporâneas, sujeitas, como as suas concorrentes, a alcances e limites.<sup>2</sup>

Embora a reflexão sobre o sistema de ensino ocupe uma posição destacada no conjunto dos trabalhos deste autor, principalmente em sua fase inicial, a sua intenção não é de construir uma sociologia do sistema escolar. Seu projeto científico encaminha-se cada vez mais para a elucidação dos mecanismos de funcionamento dos diferentes espaços sociais, tais como o Estado, a Igreja, o esporte, a moda, a linguagem, a literatura, o sistema de ensino, etc., para a gênese desses espaços, suas hierarquias e lutas internas, assim como as estruturas mentais dos agentes que estão situados no seu interior e a lógica de suas condutas. Tudo leva a crer que um dos núcleos dos trabalhos de Bourdieu seja a preocupação em analisar a mediação existente entre indivíduo e sociedade, o complexo circuito entre estrutura e ator, não de forma abstrata, mas a partir de suas dimensões concretas, vislumbradas na trama dos diferentes espaços sociais.

Valeria a pena destacar, inicialmente, que a constituição do projeto de conhecimento, em Bourdieu, ainda em curso, guarda, de modo geral, uma determinada continuidade em relação a alguns traços constitutivos do desenvolvimento do pensamento sociológico francês.

Assinalemos, a este propósito, que a formação da sociologia francesa ocorreu em um espaço social bastante preciso, vale dizer, no interior do campo universitário, o que contribuirá para lhe imprimir uma feição acadêmica, voltada para uma **busca de legitimidade científica**. Ao desenvolver-se em um contexto universitário, os agentes envolvidos com a consolidação do status científico da Sociologia puderam contar com o apoio institucional que os dirigentes da **Terceira República** procuravam fornecer para a renovação e expansão das instituições de ensino universitário.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> A respeito de uma apreciação da contribuição de Pierre Bourdieu, consultar, por exemplo: Ansart (1987); III Congresso Nacional de Sociologia: Alexander (1987); Rancière (1984).

<sup>3</sup> Quanto ao desenvolvimento da Sociologia na sociedade francesa, ver os trabalhos de V. Karady (1974, 1976 e 1979).

O projeto de conhecimento sociológico elaborado pelos durkheimianos ilustra de maneira exemplar os esforços de legitimação científica. Mas chama atenção, também, neste projeto, a habilidade por parte dos integrantes de seu grupo em ocupar os espaços que se abriam nas instituições universitárias em busca — sob a inspiração dos dirigentes da **Terceira República** — da difusão de concepções científicas, a fim de orientar a condução da vida social. Assim, passavam a usufruir do respaldo institucional que o campo do poder político procurava oferecer ao desenvolvimento das Ciências Sociais.<sup>4</sup>

Se bem que no século atual a organização das atividades de ensino e pesquisa, subvencionadas pelo aparelho estatal, tenham passado por certas discontinuidades, em termos de financiamento, não se pode deixar de ter em conta que o essencial da pesquisa sociológica, na sociedade francesa, ocorre no interior do campo universitário e de organismos mantidos por fundos públicos (CNRS, INRA, INSEE, etc). Neste sentido, a produção sociológica de Bourdieu desenvolve-se no interior do campo acadêmico e da proteção institucional oferecida a este espaço social.<sup>5</sup>

Entre outras dimensões, o seu projeto sociológico representa a disposição de reatualização, de imprimir ao trabalho de pesquisa uma conduta controlada por padrões científicos. Esta busca expressa-se numa disposição em produzir determinadas técnicas de rupturas contra o saber imediato. Em seu trabalho **Le Métier Sociologue** assinala que: "a familiaridade com o universo social constitui para o sociólogo o obstáculo epistemológico por excelência, uma vez que produz continuamente concepções provenientes da imaginação. O sociólogo jamais cessa de se opor à Sociologia espontânea. Ele deve se impor uma polêmica incessante contra as evidências enganadoras provenientes do saber imediato. Ele encontra mais dificuldades para estabelecer a diferença entre a percepção e a

\* Com relação a esta questão, consultar G. Weisz (1979): com relação às reformas educacionais empreendidas pela **Terceira República**, destacadamente no plano do ensino superior, ver J. Mayeur (1973, p. 145-153).

<sup>5</sup> A este propósito, ver A. Drouard (1982), C. de Montlibert (1982) e M. Guillaume (1986, p. 441-455).

ciência, separação que para o físico se exprime na oposição marcada entre o laboratório e a vida cotidiana, enquanto o sociólogo não pode encontrar em sua tradição teórica os instrumentos que lhe permitiriam recusar radicalmente a linguagem e as noções do senso comum" (Bourdieu, 1968, p.35; 1982, p.8-9).

Ao opor a **sociologia espontânea** ao saber sociológico, Bourdieu retoma de forma enfática o princípio formulado por Bachelard, de um corte epistemológico entre as representações do senso comum e a elaboração do discurso científico. Esta ruptura pode ser realizada, em sua visão, entre outros meios, através das aquisições teóricas da Sociologia, da utilização de procedimentos estatísticos, da criação de uma linguagem artificial, capaz de romper com os automatismos do saber familiar e imediato, inscritos na linguagem comum.

A sociologia da Sociologia, apresenta-se-lhe como um dos instrumentos fundamentais na elaboração de um discurso científico do mundo social. Ela possibilita ao pesquisador tomar consciência da posição por ele ocupada no campo científico e no espaço social. Em sua apreciação, cada sociólogo é um bom sociólogo de seus concorrentes, isto é, capaz de identificar as determinações sociais, os interesses materiais e simbólicos que orientaram a produção do conhecimento de seus adversários, procurando, com isto, desqualificá-los. A utilização da sociologia da Sociologia deve propiciar ao investigador não somente o conhecimento das estratégias de seus adversários no campo científico, mas também a elucidação de tudo aquilo que a sua própria prática intelectual deve à sua inserção no mundo social e no próprio campo científico, como, por exemplo, a escolha do seu objeto de estudo e a forma de abordá-lo.

Ao lado desta busca de legitimidade científica, os trabalhos desenvolvidos por Bourdieu guardam uma outra continuidade com a forma pela qual se desenvolveu o pensamento sociológico francês, que valeria a pena mencionar, ainda que brevemente. Apesar de procurar manter determinadas diferenças em relação a uma crítica dirigida a um certo atomismo individualista, tudo leva a crer que Bourdieu reafirma ao longo de seus trabalhos o postulado metodológico recorrente na Sociologia francesa

do primado da sociedade sobre o indivíduo. Como se sabe, uma das características do pensamento social do século XIX é a rebelião intelectual contra o individualismo desenvolvido pelos filósofos do século precedente. Em oposição às formulações iluministas que ressaltavam o poder da razão individual, alicerçada em formas científicas de conhecimento, como instrumento para remodelar os sistemas sociais, vários pensadores do século XIX salientariam que o homem não adquire o conhecimento mediante a razão individual, mas sim como um ser social, isto é, devido ao fato de viver em contextos sociais.

Investindo contra a fé otimista do século XVIII, no poder conferido à razão individual, os críticos do pensamento iluminista procuraram erigir uma teoria na qual o indivíduo auto-suficiente e racional, construído pelos filósofos do século XVIII, fosse substituído por um indivíduo que, em larga medida, seria o produto de relações e de instituições sociais. Ao atomismo iluminista, este estilo de pensamento social oporia um realismo social, assumindo como postura metodológica o princípio de que a sociedade não apenas precede o indivíduo como também é eticamente superior a ele.<sup>6</sup>

A perspectiva sociológica elaborada por Bourdieu pressupõe que é a sociedade, e somente ela, que elabora, de diferentes formas, justificativas e razões para os indivíduos existirem. Em sua visão, é a sociedade que, produzindo as posições que reputamos como **importantes**, produz, também, os agentes sociais que julgam **importante** a conquista destas mesmas posições. Em sua aula inaugural no Collège de France afirmou: "Com efeito, não diria como Durkheim a sociedade é Deus', no entanto, afirmaria que Deus não é senão a sociedade. O que se espera de Deus não se obtém senão da sociedade, pois somente ela possui o poder de consagração social... O julgamento dos outros é o julgamento definitivo e a exclusão social a forma concreta de inferno e de condenação. É

<sup>6</sup> Com respeito à caracterização desta forma de pensamento, ver K. Mannheim (1968, p.253-262). I. Zeitlin (1973, p.47-94) e R. Nisbet (1980, p.118-165 e 1984, p.20-36). Quanto à influência deste pensamento no desenvolvimento posterior da Sociologia Francesa, ver Trindade (1979, p.119-161).

por isto que o homem é um Deus para o homem assim como o homem é um lobo para o homem" (1982, p.52).

**O modo de conhecimento fenomenológico** possui como objetivo, segundo o entendimento de Bourdieu, refletir sobre uma experiência que por definição não se presta à reflexão, qual seja, a relação primeira que o agente social possui sobre o ambiente familiar. Para ele, este modo de conhecimento não consegue ir além de uma simples descrição do que caracteriza a experiência **vivida** do mundo social, isto é, a apreensão do mundo social como **mundo natural e evidente**. Se tal coisa se produz, isto se deve, segundo ele, ao fato de que tal modo de conhecimento exclui a questão das condições da produção desta experiência da familiaridade com o mundo social, isto é, a coincidência entre as estruturas objetivas e as estruturas incorporadas nos agentes, o que contribui para criar a ilusão da compreensão imediata do mundo social, assim como exclui toda interrogação sobre as condições desta percepção **natural** do mundo social.<sup>7</sup>

No interior desta forma de abordagem do mundo social, Bourdieu incorpora várias tradições metodológicas da análise sociológica, identificada por ele através do pensamento weberiano, na medida em que toma-se aí, como ponto de partida, o sujeito da ação para a elaboração de uma sociologia da compreensão. Enquanto orientações metodológicas contemporâneas, ele se aproxima, nesta abordagem, dos interacionistas simbólicos, da etnometodologia e do existencialismo sartreano.

Em seu trabalho **Le sens pratique**, surgido no início dos anos oitenta, Bourdieu passará a denominar o modo de conhecimento fenomenológico como **subjetivista**. O alvo das críticas que tece em relação ao subjetivismo é o existencialismo sartreano, que denominará de **antropologia imaginária do subjetivismo**. Segundo sua apreciação, é preciso reconhecer a Sartre o mérito de ter elaborado uma formulação consequente

A este propósito, ver P. Bourdieu (1980c, p.44). Quanto à maneira através da qual a "atitude natural aparece na fenomenologia, consultar A. Schultz (1979, p.72-76). Quanto à apresentação geral do pensamento fenomenológico na abordagem sociológica, ver B. Smart (1978, p.95-141).

da filosofia da ação que descreve as práticas dos agentes como estratégias orientadas para determinados fins explicitamente formulados pelos sujeitos, através da elaboração de um livre projeto.

Investindo contra o subjetivismo sartreano, principalmente da fase do **L'Être et le Néant**, Bourdieu observará que o **voluntarismo ativista**, contido na fenomenologia existencialista leva a representar cada ação do indivíduo como uma espécie de confrontação sem antecedente do sujeito e do mundo. Por desconhecer o que ele denomina de as disposições duráveis dos agentes, produtos de um processo de interiorização das estruturas, considera que a visão sartreana, conduz a uma concepção da ação como um **universo imaginário de possíveis** dependente inteiramente de uma resolução ditada pela consciência dos sujeitos. A esse propósito, assinala Bourdieu que "semelhante o Deus de Descartes para o qual a liberdade não pode encontrar seu limite a não ser na decisão da liberdade, o sujeito sartreano — individual ou coletivo — constitui o seu projeto de liberdade através de uma promessa solene na qual manifesta uma fidelidade a si mesmo" (1980c, p.72).

Ao contrário do subjetivismo, que de acordo com a apreciação de Bourdieu privilegia a consciência e as vontades individuais, o **modo de conhecimento** denominado por ele de **objetivista** formula, enquanto projeto, o estabelecimento de regularidades que se expressam em termos de **estruturas, leis, sistemas de relações** e assim por diante. Desta forma, tal modo de conhecimento recusa o projeto de identificar a ciência do mundo social a uma descrição científica da experiência pré-científica da realidade social, vale dizer, da utilização que os cientistas fazem das apreensões **naturais e evidentes** que os atores constroem, ou dito mais precisamente, da utilização daquilo que Schutz denomina de **construções de segundo grau**. No entendimento de Bourdieu (1980c, p. 45) uma das questões básicas que o objetivismo irá introduzir na explicação sociológica é a das condições particulares que tornam possível o mundo social, aspecto relegado pelo subjetivismo.<sup>8</sup> O modo de conheci-

<sup>8</sup> Quanto às **construções de segundo grau**, Schutz afirmava: "Os objetos de pensamento construídos pelos cientistas sociais se referem a objetos construídos pelo pensamento do senso comum, do homem que vive sua vida cotidiana entre seus semelhantes. As construções usadas pelos cientistas sociais são, pois, construções de segundo grau,

mento objetivista tem a sua expressão teórica, na sociologia clássica, na figura de Durkheim, na medida em que este postula, enquanto princípio metodológico, a sociedade como uma entidade exterior e transcendente aos indivíduos, enquadrando-os coercitivamente através dos costumes ou das normas sociais. Mencionemos, aqui, em relação a esta característica da sociologia durkheimiana, uma célebre passagem do seu trabalho **Les règles de la méthode sociologique** (1983, p.3-4) na qual ele afirmava:

"Quando desempenho meus deveres de irmão, de esposo ou de cidadão, quando me desincubo de encargos que contráí, pratico deveres que estão definidos fora de mim e de meus atos, no direito e nos costumes, mesmo estando de acordo com sentimentos que me são próprios, sentindo-lhes interiormente a realidade, esta não deixa de ser objetiva pois não fui eu quem os criou, mas recebi-os através da educação... Estes tipos de conduta não são apenas exteriores ao indivíduo, são também dotados de um poder coercitivo em virtude do qual se lhe impõem quer queira ou não"<sup>9</sup>.

A orientação que reduz o indivíduo a um epifenômeno das manifestações da vida coletiva, é identificada por Bourdieu na ciência social contemporânea, na postura estruturalista, tanto em sua vertente lingüística quanto cultural, assim como num certo marxismo de conotações **estruturais**. Ao tecer alguns comentários, por exemplo, sobre a abordagem lingüística de Saussure, Bourdieu chamará a atenção para o sistema de comunicação aí construído, que se estabelece e se mantém independentemente do contexto no qual se manifesta. Segundo ele, quando Saussure constitui a língua enquanto objeto autônomo e irredutível às suas atualizações concretas, isto é, desvinculando o discurso da situação na qual ele se manifesta, acaba por reduzir o sujeito a um mero executor das estruturas

ou a compromissos ecléticos", ver Bourdieu (1980b, p.24-26); e seu texto **Trabalhos** o investigador observa e procura explicar de acordo com as regras de sua ciência" (1974, p.37-38).

<sup>9</sup> Com relação a esta mesma questão, ver também Durkheim (1975a, p.114-118 e 1975b p.13-36).

lingüísticas, sem levar em consideração as intenções e a consciência dos sujeitos em relação ao ato que executam.

Ao privilegiar a lógica da estrutura, apreendida de maneira sincrônica, sobre a história individual ou coletiva, o objetivismo, na concepção de Bourdieu, condena-se apenas a registrar a produção de regularidades da vida social, ou a reificar abstrações, o que consiste em tratar os objetos construídos pela ciência, como por exemplo a **cultura**, as **classes sociais**, os **modos de produção** ou outras categorias, enquanto realidades autônomas, dotadas de uma eficácia social, capazes de agir por si próprias, substituindo, desta forma, os agentes sociais. Com isto, em sua apreciação, constrói-se uma concepção da prática de **maneira negativa**, uma vez que os agentes sociais são concebidos como executantes de estruturas e relações que lhes são exteriores. Ao deixar de levar em consideração a relação entre o sentido que o sujeito atribui a sua ação — elemento que recebe uma posição privilegiada na análise fenomenológica — e o sentido objetivo construído pela postura positivista, o modo de conhecimento objetivista, ao omitir a relação entre estas duas dimensões da vida social, deixa-se de focar as condições da produção e do funcionamento do sentido da vida social que consiste em viver como **natural** o caráter objetivado das instituições.<sup>10</sup>

De acordo com Bourdieu, torna-se necessário superar a oposição criada em torno da polêmica do subjetivismo e do objetivismo. Assinala, a este propósito, que as aquisições que ela produziu em termos de conhecimento são indispensáveis a uma ciência do mundo social que, no entanto, não pode se reduzir nem a uma fenomenologia social e nem a uma **física social**. Reconhece que estas posturas possuem em comum o fato de constituírem modos de conhecimento que se opõem ao **modo de conhecimento prático** que informa a experiência ordinária do mundo social.

Com o propósito de superar a polêmica entre o subjetivismo e o objetivismo, Bourdieu procurará formular e desenvolver um outro **modo de conheci-**

<sup>10</sup> Ver a este propósito Bourdieu (1980c, p.46)

**mento** que é por ele denominado de praxiológico, cujo objetivo consiste em articular dialeticamente a estrutura social. Para tanto, o modo de conhecimento praxiológico não anula as aquisições do conhecimento objetivista, mas as conserva e ultrapassa, procurando integrar o que a postura objetivista teve que excluir para produzir as suas formulações teóricas. Em seu trabalho *Esquisse d' une théorie de la pratique* (p. 174), afirma que o conhecimento praxiológico possui como objeto não somente o sistema de relações objetivas mas também as relações dialéticas entre estas estruturas e as disposições duráveis dos agentes nas quais elas se atualizam. Com isto, Bourdieu procura ressaltar enquanto foco de sua preocupação o duplo processo de interiorização **da exterioridade** e **da exteriorização da inferioridade**."

O que se percebe de certa forma é que Bourdieu reintroduz a problemática sartreana da mediação entre sujeito e mundo objetivo, desenvolvida na *Critique de la raison dialectique*, procurando oferecer uma outra alternativa da que é sugerida pela postura existencialista. Como se sabe, o mencionado trabalho representa um momento na produção de Sartre em que ele, através de um marxismo existencialista, procurava criticar uma concepção ortodoxa do materialismo histórico. Através da noção de **projeto**, Sartre procurava resolver a questão da mediação entre o sujeito e as estruturas objetivas. Assinalava ele, naquele trabalho, que a conduta humana se determina com relação aos fatores reais e presentes que a condicionam e, ao mesmo tempo, em função de um certo objeto futuro que o sujeito tende a conceber, que não é outra coisa senão a noção de **projeto**.<sup>12</sup>

A problemática de Bourdieu, *mutatis mutandis*, se aproxima num primeiro momento da formulação sartreana. No entanto, a resposta que ele procu-

" Assinalemos, aqui, que tudo leva a crer que a elaboração da teoria da prática em Bourdieu constitui um espaço epistemológico privilegiado por ele para operar a sua busca de integração de diferentes posturas teóricas, tanto clássicas quanto contemporâneas. Com respeito ao seu projeto de estabelecer esta integração sem recorrer a conciliações retóricas ou a compromissos ecléticos', ver Bourdieu (1980b. p.24-26); e seu texto **Trabalhos e projetos**, incluído na coletânea de sua autoria organizado por R. Ortiz (1983. p.38) e J. Caro (1980).

<sup>2</sup> Quanto à noção de **projetos** ver Sartre (1960. cap 3).

rara apresentar para enfocar a mediação entre o sujeito e as relações objetivas do mundo social, se afastará da solução ali apresentada. É nesse contexto que ele introduz um conceito estratégico em seu esquema explicativo para articular a mediação entre estrutura e ator social, que é a noção de *habitus*. Diga-se de passagem que tal conceito constitui uma apropriação, uma vez que foi formulado originariamente pela filosofia escolástica, que o utilizava para designar uma qualidade estável e difícil de ser removida, que tinha por finalidade facilitar as ações dos indivíduos. No entendimento dos escolásticos, o *habitus* por si próprio não executa nenhuma operação, mas no entanto ele a **facilita**. Segundo eles o *habitus* é adquirido através de execuções repetidas de determinados atos, o que pressupõe a existência de um aprendizado passado.<sup>13</sup>

Uma das ambições do projeto intelectual de Bourdieu é integrar teorias sociológicas que tradicionalmente têm sido consideradas como antagônicas e inconciliáveis. Em seu entendimento, o obstáculo que impede a comunicação entre teorias, conceitos e métodos, deve-se menos a problemas lógico-científicos que a lutas de concorrência existentes entre elas, visando a conquista de posições de legitimação no interior do campo das ciências sociais. Em sua opinião, os que se identificam com uma determinada postura analítica tendem geralmente a ignorar os resultados obtidos pela teoria concorrente, não se apropriando dessas descobertas que poderiam abalar as bases de suas convicções. Esta sua atitude tem implicado uma interação constante com as aquisições das tradições clássicas e contemporâneas da Sociologia.

Como já foi assinalado anteriormente, um dos eixos centrais da Sociologia desenvolvida por Bourdieu consiste numa reflexão sobre a problemática da mediação entre a estrutura e o ator. O mundo social, afirma em seu trabalho *Esquisse d'une théorie de la pratique*, tem sido abordado, a grosso modo, em termos de uma polarização, que tem oscilado ora sobre o primado do ator, ora dando ênfase desmesurada às estruturas sociais, enquanto fator explicativo. Torna-se pois necessário reconstruir, ainda que de forma abreviada, a maneira pela qual Bourdieu representa

<sup>3</sup> Com relação ao conceito de *habitus* formulado pela filosofia escolástica ver Mora (1971, p.795-797).

esses dois modos de conhecimento do mundo social, denominados, respectivamente, de **fenomenológico** e de **objetivista**, as críticas que ele realiza a essas concepções. Em sua apreciação, de modo geral, cada uma das polarizações teve que excluir as aquisições da postura contrária como condição para a sua própria constituição. O objetivo visado por ele nesta estratégia é de evidenciar o aparente antagonismo existente entre essas posturas e, sem recorrer a sínteses ecléticas, estabelecer as possibilidades de integrá-las teoricamente num modo de conhecimento denominado de **praxiológico**.

Com isto, ele busca reintroduzir a dimensão dos agentes sociais que, em sua opinião, a análise estruturalista havia dissolvido, anulando-os, reduzindo-os a meros epifenômenos das estruturas sociais. Contra a representação comum, que geralmente associa Sociologia ao coletivo, Bourdieu insiste no fato de que o coletivo encontra-se dentro de cada indivíduo, estruturando as suas formas de ser ou de fazer. Em sua visão, o corpo socializado, o que nós denominamos de pessoa ou de indivíduo, não se opõe à sociedade, ao contrário, é uma de suas formas de existência.

Bourdieu vai reter a idéia escolástica do *habitus* enquanto um sistema de **disposições duráveis**. Procurará ressaltar que a sua existência resulta de um longo processo de aprendizado, produto do contato dos agentes sociais com diversas modalidades de estruturas sociais. As condições materiais características de uma determinada classe social e a incidência destas condições de existência no contexto familiar constituem, segundo ele, uma mediação fundamental na produção do *habitus*. As experiências primeiras dos atores sociais, vividas no ambiente familiar, ou seja, o *habitus* produzido e adquirido nas relações familiares, estão, para ele, no princípio da recepção e da apreciação de toda experiência ulterior dos atores sociais, ao mesmo tempo em que o *habitus* adquirido no sistema escolar constitui um vetor na assimilação das mensagens produzidas pela indústria cultural.<sup>14</sup> Desta forma, o *habitus* adquirido pelo ator

<sup>14</sup> Sobre a produção do *habitus* primeiro, isto é, o sistema de disposições duráveis apreendidas no contexto familiar, ver P. Bourdieu e J. Passeron (1970, p.59). Consultar, com relação a esta questão, os artigos de Bourdieu **Reprodução cultural e reprodução**

social através da sua inserção em diferentes espaços sociais constitui uma matriz de percepção, de apreciação e de ação que se realiza em determinadas condições sociais. Ele enforma a conduta do ator, as suas estratégias de conservação e ou de transformação das estruturas que estão no princípio de sua produção. Segundo as palavras de Bourdieu: "(o *habitus*) são sistemas de disposições duráveis e transferíveis. estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes. isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptados a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los, objetivamente **reguladas e reguladoras**. sem ser o produto da obediência a regras, sendo coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente"<sup>15</sup> (1980c. p. 88-89).

Na concepção desenvolvida por Bourdieu, o *habitus*. enquanto produto da história, orienta as práticas individuais e coletivas. Ele tende a assegurar a presença ativa das experiências passadas que depositadas em cada indivíduo sob a forma de esquema de pensamento, percepção e ação contribuem para garantir a conformidade das práticas e sua constância através do tempo. Com isto, Bourdieu procura abordar a prática como algo distinto da obediência a normas sociais, tal como esta aparece em Durkheim, ou como a realização plena de um **modelo** construído e/ou de **estruturas**, que prescindem dos agentes sociais, como é entendida pela hermenêutica estruturalista, ou ainda, como uma utilização racional de meios para obter determinados fins. tal como surge numa das modalidades possíveis de ação social em Weber.

Através do *habitus*, o passado do indivíduo sobrevive no momento atual. atualizado no presente, e tende a subsistir nas ações futuras dos atores sociais. As disposições duráveis que a noção de *habitus* procura enfatizar

**social e Sistema de ensino e sistemas de Pensamentos**, que se encontram em S Miceli (1974, p.203-229e 295-336). Em seu trabalho **La distinction: critique sociales du Jugement** (1979), ele retoma a questão da origem social e do sistema escolar para discutir as condições das práticas culturais: ver. por exemplo as páginas 9-106 deste trabalho.

<sup>15</sup> Sobre a noção de *habitus*. desenvolvida por Bourdieu, consultar A Accarao (1983 p. 139-165).

permitem à realidade objetiva, em suas várias dimensões, a atuação sobre o indivíduo, produzindo, através dele, o processo de interiorização da exterioridade. No entendimento de Bourdieu, o *habitus* forjado no interior de relações sociais **exteriores, necessárias e independentes das vontades individuais** possui uma dimensão inconsciente para o ator, uma vez que este não detém a significação da pluralidade de seus comportamentos e nem dos princípios que estão na gênese da produção de seus esquemas de pensamentos, percepções e ações.<sup>16</sup>

Por outro lado, confrontado com situações conjunturais nos diversos espaços sociais, o *habitus* torna possível a criação de novas modalidades de conduta dos atores sociais, possibilitando-lhes, de certa forma, a produção de determinadas **improvisações regradas**. Se o ator social desfruta, no confronto com estas situações conjunturais, de um certo grau de liberdade para ajustar as suas práticas às contingências surgidas, estas não se confundem com uma **criação imprevisível de uma novidade**, uma vez que a prática social encontra sempre como limite condições históricas específicas.

Enquanto produto de um trabalho de inculcação, constituído no curso de uma história particular de um indivíduo que se reporta a uma história particular de seu grupo e/ou classe social, o *habitus* contribui para que os agentes participem das realidades objetivas das instituições, permitindo mantê-las em atividades, mas também permite impor a estas instituições revisões e transformações, ou seja, sua reativação. Nas palavras de Bourdieu (1980c, p.96), "é através do *habitus* que a instituição encontra a sua plena realização. A sua incorporação permite ao indivíduo levar a sério a magia da vida social, o que faz com que o rei, o banqueiro, o padre, sejam respectivamente a monarquia hereditária, o capitalismo financeiro ou a Igreja feitos homem".

A identidade das condições da existência de um grupo e ou classe social,

\* Segundo observações de Caro (1980) a célebre passagem do Prefácio da "Contribuição para a Crítica da Economia Política" de Marx (1971). onde ele afirma que os homens estabelecem relações "determinadas", "necessárias" e "independentes de sua vontade". constitui um dos panos de fundo das pesquisas desenvolvidas por Bourdieu. A este propósito, ver por exemplo, algumas passagens do trabalho de Bourdieu (1965. p 18).

segundo seu entendimento, tende a produzir sistemas de disposições semelhantes àqueles dos quais compartilha. A homogeneidade do *habitus* que daí resulta está no princípio de uma harmonização das práticas dos agentes pertencentes a um mesmo meio social, conferindo-lhes uma regularidade e uma objetividade, fazendo com que o modo de existência de um grupo passe a ser percebido pelos seus participantes como **necessário e evidente**. Os membros de um grupo e ou classe social, ao compartilharem um conjunto de condições objetivas semelhantes, acabam passando por um processo de homogeneização, distinguindo-se, a partir daí, dos integrantes de outros grupos. Tal situação contribui para produzir uma espécie de solidariedade entre os indivíduos dotados de um *habitus* de grupo, podendo ajustar as suas ações recíprocas independentemente da obediência a um conjunto de normas estabelecidas pelo grupo e ou classe social.

Se o *habitus* orienta a prática dos agentes, esta somente se realiza na medida em que as disposições duráveis dos atores entram em contato com uma situação. Desta forma, a prática é entendida por Bourdieu como produto de uma **relação dialética** entre uma situação e um *habitus*. Em seus trabalhos mais recentes, o que ele anteriormente designava por uma **situação**, passou a receber a denominação de **campo** que constitui uma outra categoria central em seu esquema explicativo.

Segundo ele, o campo é um espaço social que possui uma estrutura própria, relativamente autônoma em relação a outros espaços sociais. isto é, em relação a outros campos sociais. Mesmo mantendo uma relação entre si. os diversos campos sociais se definem através de objetivos específicos, o que lhes garante uma lógica particular de funcionamento e de estruturação. É característico do campo possuir suas disputas e hierarquias internas, assim como princípios que lhe são inerentes cujos conteúdos estruturam as relações que os atores estabelecem entre si no seu interior.

Com o propósito de ressaltar que os agentes localizados em um determinado campo procuram se ajustar à sua lógica específica, ele compara o funcionamento do campo à organização de um determinado jogo, cujos

princípios de orientação são compreensíveis apenas para aqueles que participam de tal jogo. De acordo com suas palavras:

"Um campo se define, entre outras coisas, estabelecendo as disputas e os interesses específicos que estão em jogo, que são irreduzíveis às disputas e aos interesses dos outros campos. Estas disputas não são percebidas a não ser por aqueles que foram produzidos para participar de um campo onde se realizem estas disputas. Cada categoria de investimentos implica uma certa indiferença em relação a outros interesses, a outros investimentos, específicos de um outro campo. Para que um campo funcione é preciso que haja lutas, ou seja, indivíduos que estejam motivados a jogar o jogo, dotados de *habitus* implicando o conhecimento e o reconhecimento das leis imanentes do jogo" (Bourdieu, 1980b, p.113-114).

Os diversos campos sociais surgem, no seu entendimento, como produtos de um longo e lento processo de especialização e de autonomização, o que lhe permitirá falar de **campo econômico**, **campo político**, **campo universitário**, etc. A sua perspectiva analítica procura apreender a especificidade do funcionamento de cada um deles, buscando detectar as relações de aliança e/ou conflito, de concorrência e/ou de cooperação que os agentes desenvolvem no seio de cada um desses campos.

O conceito de campo começou a ser formulado por Bourdieu por volta dos anos setenta. Constitui o resultado da convergência de suas reflexões em um seminário de pesquisa sobre a sociologia da arte, por ele dirigido na École Normale Supérieure, naquele período, assim como de uma (re)leitura realizada sobre o capítulo da sociologia religiosa, contido no trabalho **Economia e sociedade**, de Max Weber. O que se percebe é que seus trabalhos orientam-se cada vez mais para a análise das diferentes estruturas objetivas, ou seja, dos diferentes campos, principalmente os situados na esfera da vida simbólica (campo da moda, das instituições de ensino, da literatura, da filosofia, do esporte, etc). A abordagem destes campos é, em sua visão, inseparável da análise da gênese

das estruturas mentais dos atores que neles participam, que são, de certa forma, produtos da interiorização destas estruturas objetivas.

Seria oportuno assinalar, brevemente, que, segundo Bourdieu, na medida em que a Sociologia passa a incorporar em sua perspectiva analítica a noção de campo, além de poder "entrar no detalhe mais singular de sua singularidade histórica", toma-se capaz de abordar fenômenos diferentes, como por exemplo o **campo científico** e o **campo artístico** como semelhantes quanto à estrutura e ao funcionamento. Ao mesmo tempo, torna-se possível transferir, em termos de conhecimento teórico, que foi estabelecido a respeito de um objeto construído, por exemplo em relação ao **campo religioso**, a toda uma série de objetos novos, ou seja, à compreensão de outros campos. Esta espécie de indução teórica, derivada da utilização do método comparativo, torna, de certa forma, possível a apreensão de um número cada vez mais extenso de objetos com um número cada vez mais reduzido de conceitos

Como se sabe, Bourdieu postula a existência de diferentes tipos de capital, como por exemplo o **capital econômico**, fundado na apropriação de bens materiais, o **capital social**, baseado em relações mundanas que constituem fontes estratégicas de **apoios** para a atuação dos agentes sociais, o **capital cultural**, que tem na posse dos títulos escolares uma de suas manifestações institucionais. Se bem que estas espécies de capital sejam distintas umas das outras, elas não cessam de manter relações estreitas e, sob certas condições, a posse de um tipo de capital constitui a condição para a obtenção de um outro distinto.

Cada campo social, em sua perspectiva, implica uma forma dominante de capital. No **campo econômico**, por exemplo, o capital fundamental apóia-se na posse de bens materiais; no **campo da produção cultural**, a forma privilegiada de capital é o cultural, nas diferentes modalidades em que este se manifesta. Desta forma, para obter as posições mais destacadas no **campo da produção cultural**, a posse do capital econômico não implica necessariamente a conquista das posições mais destacadas em sua hierarquia interna.<sup>17</sup>

<sup>17</sup> Com relação a esta questão ver P. Bourdieu (1980b, p.114).

Tomando como referência empírica a sociedade francesa, procura salientar que as frações das classes dominantes mais favorecidas com relação à posse do capital econômico e do poder, não são necessariamente as mais bem dotadas em termos de capital cultural. As frações mais ricas em capital econômico tendem a privilegiar os investimentos econômicos, em detrimento dos investimentos culturais, comportamento, segundo ele, expresso enquanto tendência pelos empresários industriais e grandes comerciantes. Ao contrário disto, as frações mais ricas em capital cultural, como por exemplo os professores, são inclinados a investir mais na educação de seus filhos, assim como em práticas culturais propícias a manter e aumentar a posse do capital específico que detêm. Algumas profissões liberais que, de certa forma, possuem as duas espécies de capital, embora estejam situados um pouco à margem de posições destacadas na vida econômica, procuram investir na educação de seus filhos, assim como na aquisição e posse de certos bens materiais (e culturais), capazes de distingui-las socialmente.<sup>18</sup>

Uma das características importantes do campo é que ele constitui um espaço onde se trava, entre os agentes, uma luta concorrencial decorrente de relações de poder existentes em seu interior. Estas relações assimétricas derivam da distribuição desigual da espécie de capital dominante em cada um dos diversos campos sociais. A partir disto, a estrutura dos diversos campos sociais é hierarquizada em pólos distintos. Os detentores do maior volume de capital específico de um determinado campo ocupam as posições dominantes no seu interior. Por outro lado, aqueles que possuem pouco volume, e/ou encontram-se despossuídos de forma legítima de capital do campo em questão, encontram-se destinados a ocuparem as posições dominadas.

As diferentes estratégias que os atores sociais desenvolverão no interior dos diversos campos sociais encontram a sua explicação em função das posições que eles ocupam nesta polarização. Aqueles que monopolizam o capital específico de um determinado campo, fundamento do

<sup>18</sup> Quanto a este assunto ver o artigo de Bourdieu **Reprodução cultural e reprodução social**, em Miceli (1974).

poder e da autoridade que desfrutam em seu meio, estão inclinados a tomadas de posições ortodoxas, ou seja, de defesa dos princípios de estruturação do campo. Desta forma, adotam em suas condutas estratégias de conservação da posição dominante que nele ocupam, assim como dos fundamentos sobre os quais repousam a sua legitimação. Por outro lado, os que possuem menos volume, e/ou encontram-se despossuídos da espécie de capital exigido pelo campo, tendem a tomar posições de contestação em relação à estruturação das relações de poder e, em decorrência disto, a desenvolverem estratégias de transformação.

Todo ator social que age no interior de um campo específico, segundo Bourdieu, procura ajustar o seu esquema de pensamento, percepção e ação às exigências objetivas daquele espaço social. Os campos sociais, os mais diversos entre si, não podem funcionar a não ser que existam agentes que realizem investimentos no seu interior, engajando seus recursos disponíveis e participando de suas disputas fundamentais, contribuindo, através disto, para a reativação das lutas que neles se desenrolam. O motor da ação para ele não repousa nem na busca material ou simbólica da ação, nem resulta das pressões provenientes da organização do campo, mas na relação entre o *habitus* e o campo. Em decorrência desta relação, o *habitus* contribui para **determinar aquilo que o determina**, ou seja, a preservação do campo, dos seus princípios de funcionamento e de organização, assim como a reatualização dos antagonismos nele existentes (Bourdieu, 1982, p.47-48).

O princípio da ação, nesta forma de pensá-la, não encontra o seu impulso na consciência dos agentes, como ela aparece no modo de conhecimento subjetivista, nem na conduta derivada da coercitividade dos **fatos sociais**, como a concebe o objetivismo, mas na relação entre a história objetivada, tal como esta aparece nas instituições sociais e a história incorporada sob a forma de disposições duráveis. A respeito desta relação entre o campo e o *habitus*, afirma Bourdieu: "para constituir em crônica lógica a cronologia das relações entre Monet, Degas e Pissaro ou entre Lenin, Trotsky, Stalin e Bukarin, ou ainda entre Sartre, Merleau-Ponty e Camus é necessário construir um conhecimento destas duas séries causais parcialmente independentes que são: por um lado, as condições sociais

de produção dos protagonistas ou, mais precisamente, de suas disposições duráveis, e por outro lado é necessário conhecer a lógica específica de cada um dos campos de concorrência nos quais eles engajaram estas disposições; o campo político ou o campo intelectual, sem esquecer naturalmente as determinações conjunturais ou estruturais que condicionam estes espaços relativamente autônomos" (Bourdieu, 1982, p.39).

Um dos interesses que tem levado Bourdieu a se preocupar com o estudo do sistema de ensino relaciona-se com a contribuição específica que, em sua visão, esta dimensão da vida social fornece para a formação de *habitus*. A cultura escolar, enquanto uma das agências formadora de *habitus*, (ele destaca, também a importância do *habitus* transmitido pela família, enquanto elemento ordenador da experiência do real) propicia aos indivíduos a ela submetida, um corpo comum de categorias de pensamento, de código comum, de percepção e de apreciação, que tendem a funcionar como forma de classificação dos homens e das coisas. O saber escolar separa os indivíduos que estiveram expostos à sua ação daqueles que, por diversas razões, foram excluídos de sua influência sistemática e contínua. Em seu entendimento, o sistema escolar proporciona aos agentes que estão sob o seu raio de ação muito mais que esquemas de pensamentos particulares e particularizados, mas um sistema complexo de disposições, capaz de funcionar como estruturas classificatórias, possíveis de serem aplicadas em situações as mais diversas.

Ao serem formados numa mesma escola, os indivíduos que se submetem a procedimentos escolares homogêneos, materializados em programas de estudos, indicações de leitura, num acervo comum de temas considerados como legítimos de serem discutidos, tendem a manter com os seus pares uma certa relação de afinidade e cumplicidade. Tomando como referência algumas divisões existentes entre instituições do ensino francês, observa que: "o que separa, por exemplo, no interior da grande família de formação 'literária', o antigo aluno da Escola Normal Superior do antigo aluno da Escola Nacional de Administração, ou então os de formação científica', o politécnico do aluno da Escola Central, é tanto a natureza dos conhecimentos, aí adquiridos, como o modo de aquisição destes conhecimentos, ou seja, opõem-se tanto pela natureza dos exercí-

cios que lhe foram impostos, pelas provas a que foram submetidos, como pelos critérios segundo os quais foram julgados, em relação aos quais organizaram a sua aprendizagem. A relação que um indivíduo mantém com a sua cultura depende, fundamentalmente, das condições nas quais ele a adquiriu".<sup>19</sup>

Em seus trabalhos mais recentes, Bourdieu procura situar a Sociologia da Educação como um capítulo fundamental da Sociologia do Conhecimento. Com isto ele deseja salientar a contribuição que a análise sociológica pode emprestar para o conhecimento da forma como uma estrutura objetiva específica — o sistema de ensino — produz estruturas mentais que são profundamente interiorizadas pelos atores sociais.

Quanto mais estes esquemas intelectuais encontram-se incorporados nas mentes dos professores e dos estudantes, tanto mais tendem a escapar a um domínio consciente por parte desses. A Sociologia da Educação, combinando distintas tradições teóricas, é um esforço para o entendimento da constituição dos sujeitos que produzem o conhecimento, assim como das categorias selecionadas como pensáveis que estão na gênese do próprio processo de conhecimento.<sup>20</sup>

Mas a Sociologia da Educação, em sua visão, liga-se também a uma sociologia do poder, na medida em que centra a análise nas condições sociais que norteiam uma das formas de distinção social e fonte de poder nas sociedades que passaram por um processo marcante de diferenciação dos campos sociais, qual seja a distribuição cultural.

Neste sentido, ela deve fornecer instrumentos intelectuais que possibilitem a compreensão do papel da instituição escolar na dinâmica da reprodução do capital cultural e, através deste processo, da manutenção e/ou alteração das relações de força e das relações simbólicas entre as classes. Em vários de seus trabalhos, Bourdieu tem salientado uma

<sup>19</sup> Ver o artigo de Bourdieu, **Sistema de ensino e sistema de pensamento**, em Miceli (1974. p.218-219).

<sup>20</sup> A este propósito, consultar Bourdieu (1984 e. especialmente, 1989a)

relação entre o nível de instrução e o consumo cultural. A utilização e a posse dos bens culturais tendem a pertencer aos indivíduos que detêm os meios para deles se apropriarem, isto é, que possuem os códigos que permitem decifrá-los. A apropriação da cultura escolar depende, em sua visão, da posse prévia dos instrumentos de apropriação cultural que é transmitida pela educação familiar. De maneira geral, percebe-se que a Sociologia, tal como vem sendo praticada por este autor, está impregnada por uma certa visão weberiana, que consiste numa recusa sistemática de oferecer respostas totais a questões totais, de formular uma teoria sobre a totalidade social, abordada a partir de uma perspectiva profética. Seu projeto intelectual está voltado para questões mais pontuais, passíveis de receberem um tratamento empírico, como por exemplo a da constituição e funcionamento dos diferentes campos, local privilegiado por ele para abordar a complexa mediação entre ator e estrutura. A sua produção teórica e empírica indica que esta problemática da estruturação dos distintos espaços e de suas lógicas de conduta correspondente tem sido percebida e tratada como uma complexidade inesgotável. A função da Sociologia, em sua perspectiva, é de compreender o mundo social, ou melhor, os distintos espaços sociais, desvendando os mecanismos de poder que estão subjacentes a cada um deles, assim como a produção dos agentes que a partir de suas condutas buscam alterar e/ou conservar estes espaços sociais.

Na visão de Bourdieu, a adesão de um ator ao funcionamento de um determinado campo social é tanto mais total ou incondicional quanto o grau de desconhecimento que ele possui dos princípios de estruturação deste espaço social, assim como dos sistemas de disposições duráveis, vale dizer, o *habitus*, que lhe permite desenvolver a sua conduta no interior de um campo específico. O desconhecimento da relação das exigências provenientes de um campo particular e do *habitus* a ele ajustado contribui, em sua visão, para a manutenção das formas de dominação e das diferentes formas de violência decorrentes da manutenção das relações de dominação. Desta forma, o conhecimento da prática constitui uma das condições da produção de uma prática da liberdade. Esta não repousa nem num voluntarismo individualista ou coletivo e muito menos num fatalismo cientificista, mas no conhecimento dos fundamentos da produção da prática, ponto de partida para a constru-

ção de um **utopismo racional** capaz de fazer a travessia de um provável a um possível histórico.

## Bibliografia

- ACCARDO, Alain. **Initiation à la sociologie de l'illusionisme social: invitation à la lecture des oeuvres de Pierre Bourdieu**. Bourdeaux: Mascaret, 1983.
- ALEXANDER, Jeffrey. O novo movimento teórico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.2, n.4, jun. 1987.
- ANSART, Pierre. **O debate sociológico na França: 1965-1987**. Brasília: Sociedade Brasileira de Sociologia, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. **Un art moyen: essai sur les usages sociaux de la photographie**. Paris Ed. de Minuit, 1965.
- Le capital social. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, jan. 1980a.
- . **Choses dites**. Paris: Ed. de Minuit, 1987.
- . **La distinction: critique sociale du jugement**. Paris: Ed. de Minuit, 1979.
- . **Entretiens avec Le Monde editions la decouverte**. Paris, 1985.
- . **Esquisse d'une théorie de la pratique**. Genève: Droz, 1972.
- . **Les héritiers, les étudiants et la culture**. Paris: Ed. de Minuit, 1964.
- . **Homo academicus**. Paris: Ed. de Minuit, 1984.

- BOURDIEU, Pierre. **Leçon sur la leçon**. Paris: Ed. de Minuit, 1982.
- . **Le métier le sociologie**. Paris: Mouton, 1968.
- . **La noblesse d'État**: grandes écoles et lesprit de corps. Paris: Ed. de Minuit, 1989a.
- . **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989b.
- . **Questions de sociologie**. Paris: Ed. de Minuit, 1980b.
- . **Le sens pratique**. Paris: Ed. de Minuit, 1980c.
- . Le trois états du capital culturel. **Actes de la Recherche en Science Sociales**, Paris, nov. 1979.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **La reproduction: éléments pour une théorie du système d'enseignement**. Paris: Ed. de Minuit, 1970.
- CARO, Jean-Yves. La sociologie de Pierre Bourdieu: éléments pour une théorie du champs politique. **Revue Française de Sciences Politiques**, Paris n.6, p.1174-1175, dec. 1980.
- COELHO, Eduardo Prado (Org.). **Estruturalismo**: antologia de textos teóricos. Lisboa: Portugal, 1968.
- CONGRESSO NACIONAL DE SOCIOLOGIA, 3. 1987. Brasília. **Anais** Brasília: 71, FINEP/CNPq, 1987.
- DROUARD, Alain. Réflexions sur une chronologie: le développement des sciences sociales en France de 1945 à la fin des années soixante. **Revue Française de Sociologie**, Paris, v.23, n.1, p.55-85, jan. mars. 1982.
- DURKHEIM, Émile. **A ciência social e a ação**. São Paulo: Difel, 1975a.
- . **Les règles de la méthode sociologique**. Paris: PUF, 1983.
- . **Textes**: éléments d'une théorie sociale. Paris: Ed. de Minuit, 1975b.
- GUILLAUME, Marc (Org.). **L'Etat des sciences sociales en France**. Paris: Découvert, 1986.
- KARADY, Victor. Durkheim, les sciences sociales et l'université: bilan d'un semi-échec. **Revue Française de Sociologie**, Paris, v.17, n.2, p.267-311, avr./juin. 1976.
- . Stratégies de réussite et modes de faire-valoir de la sociologie chez les durkheimiens. **Revue Française de Sociologie**, Paris, v.20, n.1, p.49-82, jan./mars. 1979.
- . **Stratification intellectuelle, rapports sociaux et institutionnalisation**: enquête historique sur la naissance de la discipline sociologique en France. Paris: CNRS, 1974. Relatório de Pesquisa CNRS.
- MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- MAYEUR, Jean-Marie. **Les debuts de la III République: 1871-1898**. Paris: Seuil, 1973. 252p.
- MARX, Karl. **Contribuição para a crítica da economia política**. Lisboa: Estampa, 1971.
- MICELI, Sérgio. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- MORA, José Ferrater. **Diccionario de filosofia**. Buenos Aires: Sudamericana, 1971.
- MONTLIBERT, Christian de. La professionnalisation de la sociologie et ses limites. **Revue Française de Sociologie**, Paris, v.23, n.1, p.37-53, jan./mars. 1982.
- NISBET, Robert. Conservantismo. In: BOTTOMORE, T.B., NISBET, R. (Orgs.). **História das análises sociológicas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- . **La tradition sociologique**. Paris: PUF, 1984.

- ORTIZ, Renato (Org). **Coletânea de textos de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção grandes cientistas sociais)
- RANCIÈRE, Jacques. **L'Empire du sociologue**. Paris: Decouvertes. 1984.
- SARTRE, Jean-Paul. **Critique de la raison dialectique**. Paris: Gallimard, 1960.
- SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- \_\_\_\_\_. **El problema de la realidad social**. Buenos Aires: Amorrortu, 1974.
- SMART, Barry. **Sociologia, fenomenologia e análise marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- TRINDADE, Liana. **As raízes ideológicas das teorias sociais**. São Paulo: Ática, 1979.
- WEBER, Max. **sobre a teoria das ciências sociais**. Lisboa: Presença, 1974.
- WEIZ, George. **L'ideologie republicaine et les sciences sociales: les durkheimiens et la chaire d'histoire d'économie sociale à la Sorbonne**. **Revue Française de Sociologie**, Paris, v.20, jan mars. 1979
- ZEITLIN, Irving. **Ideologia y teoria sociológica**. Buenos Aires: Amorrortu, 1973.